



BANDAS DE ROCK E OUTRAS FESTAS: SOCIABILIDADE DE JOVENS EM SÃO LOURENÇO DA MATA

RICARDO BANDEIRA DE MELO¹

RESUMO: A presente pesquisa se debruçou sobre o Ensaio Sem Stress, evento de bandas amadoras que ocorreu em São Lourenço da Mata de 2007 a 2014. O trabalho busca responder qual a motivação dos/as jovens para frequentar o evento; para isso, analisa as formas de interação e sociabilidade entre os/as frequentadores/as da festa; buscando compreender, por um lado, as semelhanças no gosto e estilos de vida; e, por outro lado, busca entender as hierarquias, a forma como surgem e como atuam. Analisa também de que maneira os vínculos de amizade regulam a “normalidade da interação” e atenuam as disputas entre os grupos hierarquizados. Ainda para atingir esse fim de pesquisa – a motivação do público para frequentar a festa – o trabalho analisa a relevância dos conteúdos do evento – as bandas e a possibilidade de lazer na cidade – para os/as frequentadores/as. Por fim, através dos códigos de conhecimento e comunicação compartilhados, as redes de relações, como de amizade e vizinhança; os vínculos em atividades e a relação travada com os equipamentos urbanos – a praça onde ocorria o evento e os bares próximos –, será buscado mostrar como a familiaridade dispersa em diferentes pontos da cidade é levada à praça. Em relação a todos esses elementos supracitados, serão discutidas as implicações para os resultados de pesquisa da relação subjetiva do autor/pesquisador com os aspectos da vida social investigados. Metodologicamente, o trabalho se vale da observação participante e entrevistas semiestruturadas.

PALAVRAS-CHAVE: Ensaio Sem Stress; Sociabilidade de Jovens; Espacialidade; São Lourenço da Mata.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se debruçou sobre o Ensaio Sem Stress, evento de bandas amadoras de São Lourenço da Mata, município situado na Região Metropolitana do Recife, que ocorreu de 2007 a 2014, com intervalos médios de dois meses entre as apresentações. A festa era conduzida com diversas atrações, como *punk*, *rock*, *metal* e ritmos regionais, como a sambada de coco. No entanto, prevalecia tanto nas atrações como no público o universo do *rock*.

O estudo buscou compreender as formas de interação e sociabilidade entre os jovens que participaram de uma ou mais das edições da festa. Para isso, se buscou analisar, por um

¹ Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco (2015). Tem como áreas de interesse a sociabilidade e a sociologia do desvio. Email: ricardobandeira_cs@hotmail.com

lado, as diferenças e hierarquias e, por outro, as semelhanças no gosto, estilos de vida; teias de amizade e outros códigos compartilhados. No texto também se problematizará a relação subjetiva do autor/pesquisador com os aspectos da vida social estudados, buscando analisar as implicações positivas e negativas nos resultados de pesquisa.

Discussões sobre métodos e técnicas de coleta e análise de dados, teoria social, metodologia científica e dificuldades encontradas durante a pesquisa estão presentes em diversas passagens do trabalho, sem uma estrutura rígida. Essa escolha teve como finalidade não esconder as marcas da pesquisa; permitindo ao leitor ter acesso mais simples ao modo como se deu cada etapa de seu desenvolvimento.

Há, no desenvolvimento do presente trabalho, quatro seções. A primeira detalha o evento, os usos da cidade e as configurações das *zonas urbanas de concentração populacional por convergências identitárias*. Na segunda será discutida a subjetividade e o trabalho antropológico. A terceira seção discutirá a produção de hierarquias na honraria social entre indivíduos que ocupam o mesmo lugar objetivo no mundo através de uma discussão sobre fãs de *heavy metal* e suas variações. A quarta e última seção trabalhará os laços de amizade entre o público do evento estudado e seu papel na “normalização da interação” e bom funcionamento da festa. Por fim, seguirão algumas considerações sobre os resultados de pesquisa.

A FESTA: ENSAIO SEM STRESS

O Ensaio Sem Stress, evento de bandas amadoras de São Lourenço da Mata, foi fundado em 2007. Nele, músicos de diversos gêneros se apresentavam. Em sua maioria, bandas ligadas ao universo do *rock*. Ele manteve-se vivo até 2014; geralmente com intervalos de dois meses entre as edições.

Assim como entre as atrações, entre o público a prevalência também estava relacionada ao *rock* e suas variações: era possível ver uma grande quantidade de jovens vestidos com camisas pretas com estampas de bandas de *rock* e *metal*.

O evento começou a acontecer em frente a uma escola estadual, em um espaço cedido por um bar; o Bar Sem Stress, que deu origem ao nome do projeto. A ideia era que as bandas tivessem um lugar onde se apresentar, e o bar pudesse aumentar seus lucros com a venda de bebidas. Após alguns anos foi necessário mudar a localização, por reclamação dos vizinhos por conta do barulho. O novo endereço passou a ser a Praça Dom Helder Câmara, localizada no Parque Capibaribe, também em São Lourenço da Mata. Segundo os organizadores, com a mudança de endereço, também foram alterados os intervalos, que se tornaram maiores.

Os dois locais são isolados. O primeiro, o bar, fica no topo de uma ladeira altíssima, e o único espaço que o público tinha para assistir as apresentações era a rua. O segundo, a praça, fica próxima a um terminal de ônibus, em uma região afastada do bairro; e também era necessário subir muitas ladeiras até chegar ao local. No entanto, nesse havia espaço para o público na praça e um palco para as bandas. A prefeitura nunca permitiu um lugar no centro; o evento era visto de forma negativa, embora isso nunca tenha sido muito esclarecido².

O Ensaio Sem Stress foi criado por Givanilson Soares e Pablo Eugênio, que naquele período eram instrumentistas da banda Káustico. Segundo os fundadores, outras pessoas participavam da organização; principalmente os músicos das outras bandas.

Chegando ao local, era possível encontrar um ambiente marcado pela familiaridade entre os frequentadores. A organização de grupos e a grande circulação entre eles, que evidenciava sua proximidade. Vários jovens andando de *skate*, um garrafão de vinte litros cheio de vinho, onde todos se aproximavam para beber. No ano de sua fundação, segundo os/as entrevistados/as, quase todos/as eram amigos/as. Com o passar dos anos o evento cresceu, tornou-se mais heterogêneo; tanto nas apresentações quanto no público. Mas os vínculos de amizade permaneceram sendo apontados pelos/pelas entrevistados/as como importantes. “Todos são amigos e amigos de amigos”.

Questionados sobre o que mudou na festa ao longo dos anos, os/as entrevistados/as destacaram elementos como o desenvolvimento da forma de divulgação, o sorteio de brindes, a organização das bandas, aumento do público, melhoria nos equipamentos de som etc., o que mostra que, na percepção deles/as, o evento estava de um ponto de vista técnico, crescendo.

“Percebi, com o passar do tempo, uma mudança positiva nas edições do evento: o planejamento e a organização melhoraram. Antes, só havia o *show* planejado, quem quisesse comida ou bebida teria que comprar em um mercado comum. Nas últimas edições, uma feirinha com venda de artesanatos; e pequenos comerciantes participaram do evento. Ambos, sem dúvida, frutos de uma organização prévia”. Rafaela Marinho: entrevista concedida por e-mail [14/11/2015].

“Frequento o evento há mais ou menos seis meses após a criação. Houve sim evolução com relação à organização e desenvolvimento por parte da equipe. A exemplo disso, no começo, a preocupação maior era conseguir bateria e amplificadores. Já nos últimos realizados, houve uma relação diferenciada, com feiras de trocas de livros e zines”. Lucas Alves: entrevista concedida por e-mail [16/07/2015].

“Eu costumava ir desde quando o evento começou. Ao longo do tempo em que se realiza o evento, dentre as várias mudanças que ocorreram, posso destacar: a forma de divulgar o evento, o formato das apresentações, a realização de sorteios e sempre que oportuno, a cobrança de ingressos”. Anderson Dias: entrevista concedida por e-mail. [14/11/2015].

² As informações fornecidas acima foram concedidas pelos fundadores do evento em entrevistas e conversas informais, além do contato com o campo.

No entanto, há também visões menos positivas sobre as transformações, como a questão da falta de apoio político e, com isso, as impossibilidades de grandes expansões:

“Frequento desde sua origem, assim que soube por um amigo, que disse: ‘Olha, tem umas bandas tocando ali na frente do colégio todo mês, é de graça, vamos lá?!’. E percebo que o evento tem crescido bem pouco, apesar de a cada edição trazer ‘caras novas’, sendo um espaço de lazer para o público jovem. Talvez por falta de um planejamento assistido mais de perto, juntamente com o governo local”. Emerson Lima: entrevista concedida por e-mail [12/09/2015].

Naquele mesmo período o “Ensaio Sem Stress” não estava só; havia no Recife e outras cidades da região metropolitana eventos semelhantes, com organizadores conhecidos e bandas que se apresentavam em todos esses eventos. Aproximadamente no mesmo período surgiram: “Rock Açude Camará”, em Camaragibe; o “ConspiraSom”, em Recife, e o “Underground Rock Jaboatão”, em Jaboatão dos Guararapes. A forma de divulgação dos quatro era semelhante, todos usavam as redes sociais, o convite de conhecidos e, algumas vezes, zines.

Em parte das edições um elemento foi posto em destaque; ele tinha como objetivo orientar o andamento da festa. Os organizadores o trataram como “temática”, mas com pequenas variações. Givanilson usou a expressão se referindo a um tema que servia de debate ao longo das atrações. No último evento foi experimentada uma discussão sobre a diversidade. Nos intervalos das apresentações, enquanto os instrumentos eram conferidos, diálogos foram realizados. O público respondia com aplausos; a experiência havia sido bem sucedida. O tema de debate foi utilizado apenas uma vez. Já Pablo, além do mesmo sentido empregado por Givanilson, se referiu também a expressão para designar tipo de atração musical, como Sambada de Coco e Noite do Metal. “Temática” como tipo de atração foi posta em prática mais de uma vez, mas em geral as bandas tinham gêneros variados.

“Foi uma das novidades implantadas nos eventos, que é a presença de uma temática (que sempre haverá) no intuito de além de promover o momento lúdico instigarmos discussões sobre temas ligados a juventude”. Givanilson Soares: entrevista concedida por e-mail [27/06/2015]

“Algumas edições eram temáticas, como foi o caso da Noite do Metal, Sambada de Coco e o Sem Stress da Diversidade. O objetivo era muitas vezes saciar os desejos do público alvo, visto que eles mesmos propunham. Além disso, agregar muito mais seguidores e fortalecer o evento”. Pablo Eugênio: entrevista concedida por e-mail [27/06/2015].

Existia a pretensão de manter um tema de debate, que na próxima edição seria “a utilização do espaço público”; mas ele nunca foi posto em prática. Uma tentativa de recolher assinaturas para obter autorização da prefeitura para utilização da Academia das Cidades foi realizada em 2014, mas sem sucesso. O evento encontrou aí seu fim.

Como dito acima, o Ensaio Sem Stress está fora da vizinhança, pois nem sempre ocorreu no mesmo local, e os frequentadores não eram do mesmo bairro. Todavia, essas pessoas possuem traços semelhantes, como práticas, gostos e valores. Desse modo, a praça e o bar em que ocorria o evento guardam certa semelhança com o que José Guilherme Magnani (2002), em seu estudo sobre o lazer em regiões centrais, tratou como espaços intermediários entre o público e o privado.

O “pedaço” é uma categoria nativa que inspirou Magnani na construção de um conceito analítico que se refere aos espaços intermediários entre o público e o privado. O conceito faz referência aos espaços com presença regular de um grupo e a existência de um código de conhecimento e comunicação entre eles. Ainda segundo o autor, esses espaços de lazer estão relacionados ao modo de vida e às tradições do grupo. O pedaço é caracterizado por seus equipamentos, que são, grande parte das vezes, definidores de fronteiras (bares, praças, campo de futebol etc.), e por suas redes de relações. As relações no pedaço são marcadas por vínculos em atividades, pelo gosto, crença etc., e esse é um traço característico tanto no centro quanto fora dele, mas fora, há ainda a existência de laços como os de amizade, vizinhança e parentesco. Isso não quer dizer que esses laços não existam no centro; eles apenas não são predominantes.

No caso do Ensaio Sem Stress, em São Lourenço da Mata, o conceito pode nos ajudar, no entanto, não pode ser aplicado com exatidão, pois alguns pontos essenciais não estão presentes na festa estudada. Entretanto, alguns elementos podem ser levantados no objetivo de nortear o uso parcial da noção de pedaço. Esses elementos fazem referência às características da cidade e do evento.

Em nosso caso, a festa não possui relações de vizinhança tão densas como no estudo realizado por Magnani; pois aqui o evento ocorreu em diferentes bairros, e reunia jovens de toda a cidade. Com isso, a relação com os “instrumentos urbanos” torna-se menos profunda; a praça, por exemplo, era, até então, desconhecida por muitos dos frequentadores.

Todavia, trata-se de uma cidade pequena, em comparação às capitais. Há poucas opções de lazer, tanto públicas quanto privadas, o que conduz a população a se concentrar em determinados locais em busca de diversão. O Ensaio Sem Stress é uma dessas *zonas urbanas de concentração populacional*.

É comum haver nas cidades pontos em que as pessoas se concentram; esses locais variam de acordo com a finalidade e, através dos usos, carregam diferentes significados. Podem ser, por exemplo, estações de metrô ou aeroportos; estes possuem, para as pessoas que o

frequentam, pouco significado, pois estão ali de passagem com a pretensão de chegar a outros destinos.

Já outras regiões urbanas que concentram parcela da população são em si mesmas a finalidade. Temos como exemplos praças, campos de futebol, cinemas e ambientes em que ocorrem shows. Esses lugares, através das práticas ali realizadas, geralmente de forma voluntária e agradável, conduzem à significação positiva desses ambientes urbanos através das memórias das atividades impressas nos locais em que foram praticadas.

Essa segunda categoria de ambientes urbanos apresentada costuma concentrar pessoas de um mesmo tipo. Fãs de sertanejo universitário em *shows* de músicos do gênero; grupos que apreciam produções de Hitchcock, Cláudio Assis ou o “pipocão” em salas de cinema específicas; e assim por diante. Por esse motivo, esses ambientes serão chamados aqui, na falta de uma expressão mais adequada, de *zonas urbanas de concentração populacional por convergências identitárias*.

As configurações urbanas encontradas em São Lourenço da Mata possuem influência no tipo de sociabilidade. Como dito anteriormente, a cidade é pequena, e muitos dos jovens, mesmo morando em bairros diferentes, se conhecem. Desse modo, um *show* no Recife certamente reuniria pessoas com gostos e estilos de vida semelhantes, no entanto, quase ninguém se conhece nesses ambientes. Já na festa estudada, a familiaridade é bastante elevada.

Desse modo, é possível dizer que o evento é marcado por uma grande teia de amizades e, por se tratar de um evento primordialmente de *rock*, há no público códigos amplamente compartilhados de conhecimento e comunicação, assim como, o compartilhamento de estilos de vidas, normas, crenças e valores. A praça não é familiar ao público, no entanto, é possível dizer que a familiaridade é transportada até a praça.

UMA PAUSA PARA O “EU”: SUBJETIVIDADE EM CAMPO

Aqui, sem receio, escreverei em primeira pessoa. Pois vejo como fundamental discutir a relação do pesquisador com os aspectos da vida social investigados, à medida que os resultados de pesquisa variam não apenas de acordo com as diferentes filiações teóricas, como também, através da subjetividade; como argumentou Miriam Pillar Grossi (1992).

Mantive forte relação com diversos assuntos tratados até aqui, ou que serão expostos adiante. Frequentei o “Ensaio Sem Stress” entre os anos de 2010 a 2014. Conheço diversas pessoas que também o frequentaram. Fui levado por alguns amigos. Sempre morei em São Lourenço da Mata, assim como, sempre escutei *rock* e *heavy metal*.

Isso quer dizer que sou íntimo da cidade, das pessoas, do evento e, por gostar da mesma música, sou íntimo também dos códigos compartilhados no ambiente. Alguns pontos serão apresentados com o objetivo de pensar as implicações dessa relação para a pesquisa.

Em primeiro lugar, esse estudo, em particular, implicaria, para alguém com menos inserção no campo, o uso de muito mais tempo para localizar os fundadores e membros do público; pois o evento deixou de existir em 2014.

Em segundo lugar, essa proximidade com o campo ajuda na construção de mapas que permitem “circular” entre as pessoas e compreender as ideias com mais facilidade. Isso não implica, por sua vez, que a familiaridade seja equivalente a conhecimento:

(...) Isto, no entanto, não significa que conhecemos o ponto de vista e a visão de mundo dos diferentes atores em uma situação social nem as regras que estão por detrás dessas interações, dando continuidade ao sistema. (VELHO, Gilberto. 1978. P, 40).

Esses mapas de familiaridade estiveram presentes na construção de todo o trabalho. Na seção seguinte buscarei mostrar a existência de hierarquias no gosto e estilo de vida não associadas de forma direta à posição de classe. A escolha do *metal* para isso partiu de minha familiaridade com o gênero. Mas no evento, há também *punks* e vários outros grupos; mas como não possuo esses “mapas”, o trabalho se tornaria muito longo e, com isso, inviável.

Em terceiro lugar, como também problematizado por Gilberto Velho³, discutir o familiar leva ao confronto da obra com a visão de outros pesquisadores e até mesmo de pessoas do universo pesquisado, que é, sem dúvida, frutífero na produção de reinterpretações.

BATEDORES DE CABEÇA

O *metal* se tornou um gênero musical que, para alguns, a princípio, parece ter parado no tempo. Para outros, parece sofrer mudanças constantes. Subgêneros surgiram ao longo dos anos, como o *new metal*; já outros, tiveram alguns elementos alterados, como o *death metal*, que ganhou sonoridade mais melódica, em alguns trabalhos.

Todavia, para os *headbangers*, existe grande saudosismo quanto aos fundadores do estilo musical, como o Black Sabbath, Led Zeppelin e Deep Purple. Até hoje eles funcionam como parâmetro para distinguir o *metal* “bom” do “ruim”. O *heavy metal* surgiu entre as décadas de 1960 e 1970. Posteriormente surgiram variantes. Com o destaque de que não há, nesse processo de criação de novos subtipos, uma dinâmica dialética de pretensão e distinção, como apresentado por Pierre Bourdieu (2007) em outros aspectos da cultura ocidental; cada

³ *Ibid.*

variação esteve associada a contextos locais ou alterações sonoras; em geral, em diálogo com as bandas canonizadas.

Podemos usar como exemplo o *black metal*⁴ que, além de não ser produzido por grupos em consonância com o “arbitrário cultural dominante”, não tinha vistas à boa aceitação social, nítida em sua estética aberrativa, marcada pelo uso de *corpse paint*⁵ e por suas mensagens agressivas, que buscavam ferir valores, normas e crenças.

Através do *black metal* podemos notar outro traço do *metal*, de modo mais amplo: a transmissão desse código cultural – não apenas a estética sonora e visual, mas o modo de vida, os valores, etc –, via de regra, ocorre com grandes ruídos, deixando de lado elementos que marcam a singularidade de cada banda no tempo e no espaço.

Isso pode ser notado ao analisar comparativamente o sentido do anticristianismo nas bandas em diferentes partes do mundo. Na Noruega ele buscava impedir o avanço do cristianismo sobre a cultura e as crenças escandinavas⁶, o que, de certa forma, justifica os aspectos nacionalistas nas letras. No Brasil temos grandes representantes do gênero, com grande reconhecimento, como o Sarcófago, banda formada em Belo Horizonte na década de 1980. Mas o anticristianismo no Brasil não anda junto, como regra geral, com mensagens nacionalistas. Pode ser dito, por fim, que fãs brasileiros do *black metal* norueguês não podem, a menos que a experimentação da vida, no caso, de elementos da nacionalidade, possam ser feitos inteiramente fora da vivência, além das práticas de cada biografia.

Surge então a dúvida: como um conjunto de códigos culturais tão complexos, sempre transmitidos com tantos ruídos, permanece, ainda assim, sendo compartilhado durante tantas décadas e por pessoas de tantos países?

Isso nos conduz a pensar sobre as transformações estéticas nas variações mais “agressivas” do *rock* que vem se manifestando desde as décadas de 1960 e 1970. O *rock*, assim como outros estilos musicais, possui arranjos musicais mais “simples”, diferente do *heavy metal*, caracterizado pelo *volume sonoro* poderoso, carregado; com fraseados complexos que, em muitos casos, guarda semelhanças com a música erudita.

⁴ Variante extrema do *heavy metal* que teve origem na década de 1980, caracterizada pelos vocais rasgados e pela sonoridade rápida e distorcida, além do satanismo, anticristianismo e paganismo.

⁵ Pintura facial assemelhada a um cadáver, que tanto se mostra como uma incorporação na estética das mensagens apresentadas, como negação da popularidade.

⁶ Isso se tornou público com a prisão de Varg Vikernes, antigo guitarrista da banda Mayhem e único integrante do Burzum, por seus atentados incendiários a três igrejas cristãs na Noruega na década de 1990. O episódio continua repercutindo, com a recente prisão do músico e sua esposa por autoridades francesas, por suspeita de planejar novo atentado terrorista, noticiado no Brasil pelo Estadão em 16 de julho de 2013. (Em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral/franca-prende-musico-noruegues-suspeito-de-terrorismo,1054042>>. Acesso em: 06/08/2015.)

Quando falamos em *rock*, é fácil pensar em nomes como Janis Joplin, Elvis Presley e Eric Clapton. É comum acompanhar disputas entre os fãs dos Beatles sobre qual dos seus integrantes é “melhor”: John Lennon ou Paul McCartney⁷. No Brasil temos quadro semelhante: a palavra *rock* nos faz pensar em Cazuza, Raul Seixas, Renato Russo, Humberto Gessinger, Cássia Eler, entre tantos outros nomes.

Em contraste com o *rock*, o *metal* não possui a personificação do trabalho musical apenas na figura do vocalista. As transformações trazidas com a ampliação da densidade melódica, rítmica e harmônica influenciaram diretamente na distribuição da *honra social* entre os músicos. Instrumentistas costumam ocupar lugar de destaque entre as conversas de apreciadores do gênero. Diversos casos podem ser encontrados, como o Zakk Wylde, que ainda muito jovem passou a acompanhar um dos ícones do *heavy metal*, Ozzy Osbourne, e, mesmo ao lado de um cânone do gênero musical, Wylde não ficou à margem do sucesso, tornando-se um dos mais bem sucedidos músicos de sua geração; o Steve Harris, que durante toda a carreira da banda inglesa Iron Maiden manteve-se em destaque com o seu baixo poderoso. Como exemplo brasileiro, temos o Kiko Loureiro, guitarrista da banda de *power metal* Angra, e da Megadeth, uma das maiores bandas de *heavy metal* do mundo. Loureiro possui uma enorme legião de fãs que o admiram por sua virtuosidade.

Mecanismos de propagação do novo código musical surgiram; revistas especializadas em música premiam instrumentistas por suas performances. Títulos como *Best Metal Guitarist* e *Most Valuable Player* e premiações como *Riff Lord* e *Golden God* passaram a ser atribuídos a músicos por suas performances, por revistas como *Metal Hammer*, *Guitar World* e *Kerrang!* entre tantos outros prêmios, títulos e revistas.

Elas colaboram, na estética sonora, através de críticas de álbuns, composições, *riffs* e solos; também nos equipamentos utilizados. Trazem ainda entrevistas e uma infinidade de imagens desse universo.

As revistas guardam certa semelhança com as lojas de departamento da França do século XIX, em que os indivíduos não apenas tinham acesso aos bens de consumo, mas lá podiam aprender sobre esses aspectos da cultura e acompanhar as tendências da moda, suas representações e práticas; colaborando assim na construção da identidade dos consumidores⁸. Quanto ao *metal*, não podemos falar em moda. O gênero, criado entre as décadas de 1960 e 1970, ganhou, ao longo dos anos, variantes, como o *doom metal*, *death metal*, *black metal*, etc.

⁷ O exemplo mais claro da discussão pode ser encontrado no documentário: *Lennon or McCartney: A Beatles Documentary*, dirigido por Matt Schichter, em que 550 artistas respondem qual dos dois Beatles prefere.

⁸ Para aprofundamento sobre a moda, vide: (McCRACKEN, 2003).

Sobre eles, surgiram respectivas formas de saudosismo. As transformações na maneira de se apresentar, na maneira de compor, no visual, são quase idênticas hoje ao que foi em seu surgimento.

Hoje outros meios de propagar os códigos identitários dos *headbangers* surgiram, não apenas revistas, discos e suas capas, shows e conversas de fãs; a explosão da internet trouxe uma série de sites, blogs e canais no *YouTube*, profissionais ou não, que cumprem papel semelhante ao das revistas. Além, é claro, das redes sociais, onde geralmente esses conteúdos transitam com maior intensidade.

Em resumo, a ampliação da distribuição da honra social entre os músicos de *heavy metal* via aumento da densidade rítmica, harmônica e melódica resultou numa ênfase na estética sonora. Cada variação de metal é definida por tipos de solos, *riffs*, ritmo da bateria, tipo de vocal, etc., apenas em menor medida no conteúdo das músicas. A consagração das bandas, igualmente, dá-se por referências estéticas – sonoras e visuais – ficando os conteúdos das letras, novamente, em segundo plano. Dessa perspectiva, faz sentido fãs de *black metal* norueguês – sobretudo aquelas que trazem conteúdos relacionados ao anticristianismo nacionalista escandinavo – no Brasil, pois são buscadas referências sonoras, e as bandas são pensadas de acordo com o cânone do gênero, visto que os conteúdos são desconhecidos.

Quando ao visual, é sabido que as variações extremas de *rock* não são produzidas por elites, de modo que não podemos falar em dinâmicas dialéticas de “pretensão e distinção”. Por isso há baixa transformação na forma de se vestir ao longo dos anos; não podemos falar em moda. Existe, é verdade, grande variação na forma de se vestir entre *headbangers*, no entanto, ela está relacionada a diferentes tipos de *metal*. Novos subtipos surgiram no decorrer das décadas, mas tanto sua sonoridade quanto sua apropriação da cultura material – as roupas – não se apresentam na forma de substituição; havendo, pelo contrário, atos de negação dos novos estilos. As hierarquias são traçadas através de referências aos “pais fundadores do gênero”.

Mesmo havendo uma base material em que a cultura é produzida, não podemos dizer que ambas serão sempre idênticas ou assemelhadas. Sua compreensão não pode se restringir ao entendimento do lugar objetivo ocupado por cada indivíduo no mundo e as dinâmicas existentes entre eles. Deve-se pensar na eficácia e autonomia do mundo ideal em relação às dimensões materiais. Além disso, é preciso atinar para as estruturas internas das produções imaginativas, à medida que elas exercem influência na forma como se dá sua reprodução, transmissão – seus ruídos – e formas de uso, como no caso apresentado acima.

Os tipos de hierarquias encontrados no grupo pertencem à ordem social, não econômica. Weber classificou fenômenos de estratificação dessa natureza como *estamentais*, definidos como:

Em contraste com a “situação de classe” determinada apenas por motivos econômicos, desejamos designar como “situação de *status*” todo componente típico do destino dos homens, determinado por uma estimativa específica, positiva ou negativa, da *honraria*. (Weber, Max. 1982. P, 218).

E, para que esta ordem estamental seja mantida, um estilo de vida específico é esperado daqueles que pertencem ou buscam pertencer ao círculo. Para o autor, diferente das classes, os estamentos não estão estratificados de acordo com a aquisição de bens, sim através dos princípios de seu consumo.

Temos então três níveis de honra social que estão interligadas. A ampliação da densidade melódica, harmônica e rítmica fez com que instrumentistas desfrutassem de mais prestígio nas bandas. O segundo nível está relacionado às hierarquias entre as bandas, que se dá por meio de referências sonoras, derivado, portanto, da primeira forma hierárquica encontrada; em geral postas em comparação às bandas canônicas do gênero. A terceira forma encontra-se entre os *headbangers*, ela classifica os “verdadeiros” dos “falsos” apreciadores de *metal*, de acordo com as bandas que cada um ouve. Ou seja, as hierarquias fazem referência, em primeiro plano, a estética sonora, e elas são transmitidas entre músicos, bandas e fãs.

Um olhar estranho poderia notar o público do Ensaio Sem Stress de maneira uniforme, no entanto, uma apreciação cuidadosa de suas vestimentas permite traçar uma vinculação entre subgêneros do *metal* e a formação de grupos hierarquizados. Camisas de bandas servem, entre outras coisas, como forma de reivindicar o pertencimento a um grupo. As hierarquias seguem as normas discutidas acima. É possível nota-las através das divisões entre os que se vestem com camisas de *black metal*, *heavy metal* e aqueles que trazem em suas roupas bandas e estilos mais recentes, como *nu metal*.

As roupas podem, no máximo, reivindicar um *status*, mas cabe aos que buscam pertencer ao grupo mostrar que dominam o código. A passagem pelo campo apresentou isso, em cada nova interação, surgia a pergunta feita pelos *headbangers*: “você escuta *heavy metal*?”, seguida de: “quais bandas você ouve?”. O mesmo poderia acontecer com quem reivindicasse pertencer aos grupos de fãs de *black* ou *death metal*: as perguntas surgiriam e, elencar entre suas preferências bandas como Arch Enemy poderia resultar em descrédito por parte de “metaleiros” mais tradicionais.

Apesar de haver forte relação do gosto musical na formação de grupos, entre outros elementos, como escolaridade e bairro onde residem os jovens do público, é possível notar

grande circulação e, em vários casos, “quebras de regras”, como “emos” – hoje quase inexistentes – junto com *headbangers*, pessoas de baixa escolaridade bebendo e conversando com estudantes de programas de pós-graduação, etc. Isso se dá por um elemento que será discutido na sessão seguinte: as relações de amizade anteriores ao evento.

A AMIZADE NO PÚBLICO

Entre os objetivos que orientaram a pesquisa, esteve a busca pela compreensão do que levava os jovens a participar do evento. Para isso, duas hipóteses foram levantadas; a primeira delas relativa ao conteúdo do evento, seu produto mais imediato: as bandas. A segunda era a existência de amizades de longa data, e que os jovens estariam indo por convite, com vistas a conversar, beber e se divertir em um espaço público, sem ter o evento em primeiro plano.

Para isso, se mostrou fundamental compreender dinâmicas internas dos participantes, com destino a atingir uma compreensão mais ampla sobre o evento. O seguinte conceito de sociabilidade, definido como a passagem ou o desprendimento dos conteúdos iniciais da interação ao fascínio em estar sociado, se mostrou fundamental para este fim:

Aqui, “sociedade” propriamente dita é o estar com um outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberados de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmo e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços. É isto precisamente o fenômeno a que chamamos sociabilidade. Interesses e necessidades específicas certamente fazem com que os homens se unam em associações econômicas, em irmandades de sangue, em sociedades religiosas, em quadrilhas de bandidos. Além de seus conteúdos específicos, todas estas sociações também se caracterizam, precisamente, por um sentimento, entre seus membros, de estarem sociados, e pela satisfação derivada disso. Os sociados sentem que a formação de uma sociedade como tal é um valor; são impelidos para essa forma de existência. (...) Pois a forma é a determinação e interação dos elementos da associação. É através da forma que constituem uma unidade. (SIMMEL, 1983, pgs. 168/169 citado por Alcântara, 2005, pag 34).

Para atingir os objetivos de pesquisa mencionados acima, foram questionados, em primeiro lugar, sobre qual motivo os levava a frequentar o evento. Abaixo serão apresentadas as categorias de respostas.

A primeira delas é relativa às amizades. Como único elemento apontado, tivemos apenas uma resposta:

“A grande massa de amigos que lá encontro e reencontro”. Anderson Dias: entrevista concedida por e-mail. [14/11/2015].

A resposta de Anderson Dias, que privilegia a amizade em detrimento das bandas está relacionada ao seu posicionamento em relação aos músicos, que apesar do fato de que ele conhece os trabalhos, não se tornou fã. Isso será apresentado logo abaixo.

A segunda categoria encontrada toma como motivação comum o encontro com amigos/as, a possibilidade de fazer novos e o evento. Nela encontramos as seguintes respostas:

“Com certeza o que ele acaba promovendo, o encontro de amigos e a possibilidade de fazer novos; a música ao vivo, mesmo que a banda não seja muito boa, e diversão gratuita”. João Felipe: entrevista concedida por e-mail [27/06/2015].

Assim como Anderson Dias, João Felipe não afirmou ser fã de nenhuma das bandas, todavia, sua percepção é mais positiva, encarando nelas uma possibilidade de aperfeiçoamento, visto que, segundo ele, as propostas são, muitas vezes, de qualidade. Dessa forma, ele as colocou como um dos elementos para frequentar o evento. Sua posição sobre as bandas também será discutida adiante.

“Escutar uma música boa e também é uma ótima oportunidade de rever os amigos”. Gênesis Medeiros: entrevista concedida por e-mail [16/07/2015].

“Ouvir música e encontrar meus amigos pra trocar uma ideia”. Larissa Santos: entrevista concedida por e-mail [14/11/2015].

“A possibilidade de reencontrar os amigos e curtir um evento na cidade, o que é uma raridade”. Élide Silva: entrevista concedida por e-mail [27/06/2015].

Na resposta dada por Élide Silva podemos notar um novo elemento apontado: a possibilidade de lazer na própria cidade.

“Aquela afirmação de que estávamos mudando o mundo, aquilo era massa. Frequentava nem mais pela música, já era pra ver os amigos trazendo sua arte e se inspirar nas ideias deles. Além de ter encontros massa, onde a gente via um pessoal que gostava de teu trabalho e o sentimento era o mesmo com eles”. Páblo Catanho: entrevista concedida por WhatsApp [02/07/2015]

Na resposta de Páblo Catanho também podemos notar um elemento novo: “sensação de mudar o mundo”. É importante destacar que ele também se apresentava no evento, o que faz com que ele tenha uma relação diferenciada com o público.

A terceira categoria percebida prioriza o evento. Nela, três respostas foram identificadas. Duas delas de membros de bandas e colaboradores do evento.

“Não sei se apenas porque sou músico também, mas, me considero um apreciador de música em geral e gosto mesmo de procurar, caçar novas bandas, ‘fuçar’ o que anda sendo feito em tal cena, ou acompanhar todo um desenvolvimento de um trabalho musical. Eu sei da dificuldade de começar uma banda, eu acho que o mínimo que eu posso fazer para ajudar é estar ali para “fazer volume” (risos), melhor dizendo, para ser o público naquele momento. Não há lugar melhor para ver esse tipo de coisa do que num evento alternativo (e independente) realizado na periferia da Região Metropolitana do Recife”. Emerson Lima: entrevista concedida por e-mail [12/09/2015].

“No começo foi em busca de diversão e pelo marasmo que a cidade se encontrava. Depois pela relação mais profunda com a organização e a colaboração que passei a ter com a realização do evento”. Lucas Alves: entrevista concedida por e-mail [16/07/2015].

Assim como na resposta dada por Élide Silva, agrupada na segunda categoria, há na resposta de Lucas Alves o elemento de diversão na própria cidade.

“Principalmente o apoio a iniciativas como esta: tocar por dinheiro algum, só visando expor seu som e se divertir. Depois, por diversão própria, gosto muito do evento e da maioria das bandas que se apresentam”. Rafaela Marinho: entrevista concedida por e-mail [14/11/2015].

As categorias apresentadas acima não podem ser tratadas de maneira rígida; em alguns casos, as respostas se colocaram em regiões de fronteira. Entre as respostas da terceira categoria apresentada, que prioriza o evento, temos a dada por Rafaela Marinho, que enfatiza, em certo momento, “se divertir”, o que pode incluir o encontro com amigos. Já a resposta dada por Páblo Catanho, que também se apresentava no evento; da segunda categoria, toma como motivação comum o encontro com amigos/as, a possibilidade de fazer novos e o evento. Apesar da ênfase no encontro com amigos, a natureza do encontro tinha relação com o evento, o que assemelharia a resposta às dadas na terceira categoria, cujo foco está no evento. O que é nítido é a presença acentuada da importância atribuída às amizades nas respostas. Isso pode ser notado durante a observação do evento: as pessoas, geralmente distribuídas em grupos, se mostravam interessadas não apenas na música, mas em conversar, beber, andar de *skate* e se divertir de diversas maneiras.

Como forma de complemento às respostas dessa questão, outra foi elaborada, com vistas a medir a relevância do evento para o público. Foram questionados se conheciam uma ou mais bandas que se apresentavam no evento, e se eram fãs de alguma. Todos/as responderam conhecer uma ou mais bandas. Apenas dois entrevistados responderam não apreciar as músicas das bandas. Os/as demais responderam que sim, e indicaram as bandas que gostam ou gostavam.

“Conheço várias bandas que tocam no evento (talvez todas), gostar já é mais complicado”. Anderson Dias: entrevista concedida por e-mail. [14/11/2015].

“Já vi várias bandas se apresentarem mais de uma vez, mas não me tornei fã de nenhuma delas, apenas gosto de dar uma força pra esse pessoal do *underground*, alguns são amigos e outros acabam se tornando amigos; no final, todo mundo gosta de música e acaba se identificando. As bandas ainda têm muito que melhorar, eu sou meio chato com o que escuto, contudo, gosto de estar lá apoiando os caras e seus projetos; acho válido, até porque, o que eles estão procurando construir muitas vezes tem potencial e se baseia em proposta de qualidade”. João Felipe: entrevista concedida por e-mail [27/06/2015].

Os/as outros/as sete entrevistados/as afirmaram não apenas conhecer, como também apreciar a música das bandas que se apresentavam no evento. Seguem algumas das respostas:

“Claro! Algumas até não existem mais, como a Nhá Malú, banda de um dos organizadores, inclusive; que apresentava um som mais conectado às tendências regionais, mas sem deixar de ser atrativo para mim que só gostava particularmente de *rock*; havia essa mistura de ritmos. Acho que por ser um ambiente de

experimentação, para quem tá começando a formar uma banda e para novos ouvintes, torna-se possível gostar e ‘seguir’ certas atrações que por muitas vezes é de algum conhecido seu. Escuto e gosto também da Olhos Aquáticos, que vem embalando seus *rockabillys* há um tempo já”. Emerson Lima: entrevista concedida por e-mail [12/09/2015].

“Sim, duas. Curtia o som da Ironia e da Káustico”. Larissa Santos: entrevista concedida por e-mail [14/11/2015].

“Sim. Sempre fui muito fã de várias bandas pelos potenciais que elas representavam e pela dedicação dos músicos. Em especial, posso citar a extinta Nhá Malu, a Kràsis e até a apresentação memorável da Nômades, uma banda de *Hardcore* Recifense que já tinham mais de 10 anos de estrada, *tour* na Europa, e que tocaram gentilmente no evento”. Lucas Alves: entrevista concedida por e-mail [16/07/2015].

As respostas indicam que as bandas são relevantes para o público, visto que todos/as os/as entrevistados/as afirmaram conhecê-las, e apenas dois disseram não apreciar os trabalhos. Ainda nesse ponto a amizade está presente. Como pode ser notado na resposta de João Felipe, que mesmo não sendo fã, afirmou “gostar de dar uma força”. Além disso, as bandas que os entrevistados disseram gostar são, em geral, de amigos.

As trocas baseadas nos vínculos de amizade justificam as “quebras” encontradas nos impedimentos ao pertencimento aos grupos; como apresentado na seção precedente.

Questionados se fizeram amizades no evento, todos/as responderam que sim. Várias respostas fizeram referência à organização grupal do evento, como as trocas se dão e o surgimento de novas “formas sociais” a partir daí:

“Sim conheci e todo mundo sempre acaba se conhecendo, é um espaço aonde vão diversas pessoas e sempre tem um amigo no grupo em que você está que acaba conhecendo um cara de outro grupo, são amigos e amigos de amigos”. João Felipe: entrevista concedida por e-mail [27/06/2015].

“Criei uma segunda família, inclusive. Em uma cidade em que a cultura não é trabalhada, é muito escasso os grupos para discussões de bons diálogos. Assim, o ‘Ensaio Sem Stress’ trouxe essa possibilidade. Pessoas que tinham gostos em comum e que acabaram se interligando. Gente que formou banda... Casais que se formaram... Comas alcoólicos, essas coisas. (risos)”. Lucas Alves: entrevista concedida por e-mail [16/07/2015].

“Sim, muitas. Principalmente amigos de amigos”. Rafaela Marinho: entrevista concedida por e-mail [14/11/2015].

Quanto às atividades realizadas durante as apresentações e o tipo de relação mantida com o público, os/as entrevistados/as informaram conhecer pessoas, ingerir bebidas alcoólicas e encontrar amigos, principalmente.

“Eu gosto de interagir mesmo. Muitas vezes se conhece gente que tem o seu jeito, segue um estilo de vida parecido, ou partilha de opiniões parecidas; é bem proveitoso. Acaba se tornando também um lugar aonde você vai para rever os que já são amigos, sabe? Tem sido assim... Ah, e por ser um evento pequeno, também há uma fácil interação com os artistas, esses que, porventura, acabam sendo o público da banda que vem a seguir. Normalmente, um amigo apresenta outro, que apresenta outro... e tornam-se contatos, amigos. É isso: uma boa conversa com uma trilha sonora que você ainda não conhece, na maioria das vezes”. Emerson Lima: entrevista concedida por e-mail [12/09/2015].

“Bem, tenho vários amigos que frequentam. Tomar bebidas alcoólicas de baixo custo”. Anderson Dias: entrevista concedida por e-mail. [14/11/2015].

“Muito bem, diga-se de passagem, boa parte são amigos de longa data, e o ensaio acaba sendo um espaço de encontros e reencontros; sentamos, conversamos, bebemos e criticamos as bandas ruins (risos)”. João Felipe: entrevista concedida por e-mail [27/06/2015].

Esse “fascínio” pela forma, não mais pelos elementos que conduziram à interação pode ser encontrado em algumas passagens de algumas das falas. Uns afirmaram estar no evento pelas amizades de longa data e pela possibilidade fazer novas, já outros se mostraram mais interessados nos conteúdos, não apenas as bandas, mas a possibilidade de lazer na própria cidade. O que quer dizer que os conteúdos não foram completamente desprendidos, permanecem como elementos importantes. Aqui é importante lembrar que São Lourenço da Mata é uma cidade com poucas possibilidades de lazer. Desse modo, o evento se mostra importante para as pessoas que o frequentam pela possibilidade de reunir jovens da cidade na própria cidade – sem custos –, de modo que a experiência urbana se torne mais agradável.

O tempo inteiro falou-se em amizade, e a expressão “amigos de amigos” foi bastante recorrente. A referência aos gostos assemelhados também pode ser vista em várias entrevistas. Esses elementos permitem compreender a organização em grupos, que funciona de uma forma especial, pois não se trata de grupos rígidos. O gosto e o estilo de vida são importantes para pertencer a eles, mas “ser amigo de um amigo” também garante acesso. Por isso que, as hierarquias geradas através do gosto musical, discutida na seção precedente, perde um pouco o impacto. *Headbangers*, que costumavam estar distribuídos na festa em grupos, que podiam ser notados pelas camisas de bandas, separados por variações de *metal*, em alguns casos abriam exceções para pessoas que não compartilhavam do mesmo gosto musical; por muitas vezes se tratar de um amigo de longa data ou um amigo de amigo. Várias outras formas hierárquicas existem no público, não apenas entre “metaleiros”. Em todos esses casos, a amizade funciona como forma de “normalizar” a interação e garantir o bom funcionamento da festa, atenuando as disputas.

Aqui fica mais fácil compreender a noção de transferência da familiaridade dispersa em diferentes pontos da cidade a um local que, a princípio, era estranho à maioria das pessoas que passaram a frequentá-lo. A praça, em si, não é familiar aos jovens, mas eles levavam à praça a familiaridade. Há uma grande teia de amizades. Além disso, os jovens são conduzidos pelo gosto compartilhado e a possibilidade de ampliação do lazer. Esse tipo de fenômeno urbano foi tratado aqui como *zona urbana de concentração populacional por convergências identitárias*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como na seção “a festa”, e na seção “A amizade no público”; a festa pode ser entendida como uma *zona urbana de concentração populacional por convergências identitárias*, em que os jovens são levados pelos gostos e estilos de vida a frequentarem o evento. Por conta dos códigos de reconhecimento e comunicação amplamente difundidos e pela grande teia de amizades, é possível dizer, apesar da praça não ser familiar à maioria dos jovens, que a familiaridade dispersa em vários pontos da cidade é levada à praça.

O conceito de pedaço não pode, por especificidades do evento e da cidade, ser aplicado com exatidão, por não haver presença regular no ambiente e, com isso, não há laços tão densos com os instrumentos urbanos, como a praça, os bares e outros elementos próximos. Mas o que é importante destacar aqui é que o evento não pode ser pensado como um evento de centro, marcado pela impessoalidade; tendo em vista que, como informado pelo grupo pesquisado, “todos são amigos e amigos de amigos”.

O Compartilhamento de uma posição de classe, que nitidamente não é discrepante entre os participantes – tendo em vista que é um evento de periferia – não implica na não existência de hierarquias. Como apresentado na seção “Batedores de cabeça”, nem todos os códigos culturais são regidos pela lógica dialética de pretensão e distinção. Desse modo, nem toda produção de hierarquias nas honrarias sociais deve ser pensada em termos de disputa de classe no plano da cultura. Nesses casos, a análise materialista pode confinar os estoques de experiência e distribuí-la homogeneamente, não permitindo, como no nosso caso estudado, distinguir as variações nas experiências proletárias e a produção de hierarquias entre pessoas que ocupam o mesmo lugar objetivo no mundo.

No entanto, hierarquias de outras naturezas podem ser encontradas entre o público, como variação de nível educacional e profissão. Os gostos e estilos de vida, sem dúvida, variam muito em torno disso; e nesse caso, uma análise materialista pode ser frutífera. Os fenômenos se cruzam e se somam, mas como apresentado anteriormente, não são mutuamente definidores.

Por fim, de acordo com a discussão realizada na seção “A amizade no público”, essas formas hierárquicas são aquebrantadas pelos laços de amizade. Os/as entrevistados/as demonstraram um grande apego às amizades, tanto as antigas, quanto as que surgiram durante o evento, assim como, até mesmo sua possibilidade de surgimento. Por outro lado, os conteúdos se mostraram fortíssimos, não apenas as bandas, como também, a possibilidade de lazer na própria cidade, que possibilita ampliar as redes de relações e permite tornar a cidade mais agradável e reforça o sentimento de pertencimento. Muitas amizades antecederam o

evento, e muitas foram construídas lá. Os produtos do evento, as apresentações das bandas e o lazer na própria cidade, se mostraram como relevantes para que os jovens fossem até lá; muitos/as deles/as também iam motivados pelo encontro com amigos/as; além disso, os laços de amizade se mostraram como fundamentais para a “normalidade da interação” e bom funcionamento da festa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

GROSSI, Miriam Pillar. “Na busca do ‘*Outro*’ encontra-se a ‘*si mesmo*’”. In: GROSSI, Miriam Pillar (Org). **Trabalho de campo & subjetividade**. Florianópolis: Claudia Lago, 1992. P. 7-18.

JÚNIOR, José Alcântara. O Conceito de Sociabilidade em George Simmel. **Ciências Humanas em Revista** – São Luis, V.3, n..2, dezembro/2005.

MAGNANI, José Guilherme. De perto de Dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** - Vol. 17 n° 49, junho/2002.

MCCRACKEN, Grant. **Cultura & Consumo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: **Individualismo e Cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.

WEBER, Max. “**Classe, Estamento e Partido**”. In: Wright MILLS e Hans GERTH (Orgs). Rio de Janeiro, Guanabara, 1982.

ROCK BANDS AND OTHER PARTIES: SOCIABILITY OF YOUNG PEOPLE IN SÃO LOURENÇO DA MATA

ABSTRACT: The present research focused on the *Ensaio sem Stress* (“No Stress Test” in literal traduction), an amateur bands event that occurred in São Lourenço da Mata from 2007 to 2014. The study seeks to answer the motivation of young people to attend the event; for this, it analyzes the forms of interaction and sociability among the party goers; looking for understand, on the one side, the taste and lifestyles similaritie's; and, on the other hand, seeks to understand the hierarchies, the way they arise and how they act. It also examines how friendship bonds regulate "normality of interaction" and lessen disputes between hierarchical groups. Still, in order to achieve this research goal - the motivation of the public to attend the party - the work analyzes the relevance of the contents of the event - the bands and the possibility of leisure in the city - for the regulars. Finally, through shared knowledge and communication codes, networks of relationships, such as friendship and neighborhood; the links in activities and the relationship with urban equipment - the square where the event took place and the bars nearby - will be sought to show how the dispersed familiarity in different points of the city is taken to the square. In relation to all these elements mentioned above, the implications for the research results of the subjective relation of the author / researcher to the aspects of social life investigated will be discussed. Methodologically, the work uses participant observation and semi-structured interviews.

KEYWORDS: Ensaio sem Stress. Youth's sociability. Spatiality. São Lourenço da Mata.

RECEBIDO EM: 15.05.2017

ACEITO EM: 27.09.2017